

Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 25 de maio de 2016

Textos de referência: L. Giussani, “Os três fatores constitutivos”, em Por que a Igreja?, São Paulo, Ed. Companhia Ilimitada 2015, pp. 154-182 e J. Carrón, Introdução dos Exercícios da Fraternidade 2016, em “Eu te amei com um amor eterno, tive piedade do teu nada”.

- *Non son sincera*
- *Haja o que houver*

Glória

Carrón: Começamos os Exercícios da Fraternidade partindo do reconhecimento de quanto somos necessitados, de quanto somos pecadores. Mas isso, muitas vezes, não é tão consciente: pensamos que a natureza da nossa necessidade, no fundo, não seja assim tão radical, e que poderíamos quase resolvê-la sozinhos se nos esforçássemos muito. Antes ou depois fica evidente que realmente não é assim, como vimos nos discípulos: os anos passados com Ele não foram suficientes para responder às suas necessidades, aos seus medos, às suas tristezas ou ao seu choro. Por isso, é crucial que nós nos demos conta de que nem mesmo o reconhecimento da nossa necessidade basta, porque muitas vezes nós a reduzimos a algo que não podemos entender. Porém, somente diante de uma Presença é possível perceber realmente qual é a natureza dessa necessidade. Por isso, começo com uma pergunta que chegou por e-mail, enviada por uma pessoa que mora longe: “Gostaria de entender e aprofundar o nexo entre *O estilo de Deus* [primeiro ponto] e *‘Sinal dos tempos’* [segundo ponto] da Introdução da sexta-feira à noite. Em particular, me impressionou a descrição que você faz sobre a mudança de época. Percebo constantemente em minha volta, na escola (sou professor universitário), nos estudantes e nos colegas, aquela postura do homem que diz que Deus é quem deve se justificar. Considero isso uma espécie de presunção (não gostaria de usar palavras exageradas) e o que me dói é que isso me distancia das pessoas, tornando os relacionamentos áridos e frios. Depois, lendo o segundo ponto, me tocou aquela descrição do Papa Francisco. Há no Papa uma profunda sensibilidade pelo homem contemporâneo, uma inteligência da sua condição, uma apreensão pelas suas inquietudes e pelas suas feridas, e a resposta a essa alma ferida do homem é a experiência concreta da misericórdia. Então, a minha pergunta é: como passar da descrição do homem à experiência da misericórdia, a dizer que a misericórdia é a resposta a tudo o que abrange o humano? Então, queria aprofundar um pouco isso porque gostaria de olhar para as pessoas que encontro todos os dias, e com as quais normalmente sou indiferente, do mesmo modo como o Papa olha para o homem. E que, no fundo, é o olhar que senti sobre mim no encontro com Cristo”. Por que é tão importante relacionar os dois pontos, ou seja, o estilo suave de Deus e a mudança de época? Porque ninguém pode imaginar agora que, com toda a consciência que o homem moderno tem de si mesmo, seja possível impor de algum modo Deus ao homem. E, por isso, a descrição do Papa Bento é fundamental, como podemos ver em nós mesmos. Somente esse estilo suave de Deus, essa “ternura de Deus” – como disse Francisco aos Bispos do México –, pode verdadeiramente conquistar o homem de hoje. Isso é particularmente crucial, e vemos isso nos relacionamentos (na escola, na vida cotidiana...). Não é uma questão de presunção, é que, como Dom Giussani sempre nos disse citando o autor protestante R. Niebuhr, sem que a pessoa entenda o nexo entre o estilo de Deus e a necessidade humana não seria razoável reconhecê-Lo: “Nada é tão inacreditável quanto a resposta a uma pergunta que não se coloca” (*Il destino e la storia*, Bur, Milão 1999, p. 66). Por isso, a tentativa inicial dos Exercícios foi identificar bem, graças à companhia clamorosa de Bento XVI (que cita, por sua vez, João Paulo II e Francisco), qual é a fresta através da qual o homem de hoje pode reconhecer a própria necessidade e perceber a resposta a essa necessidade no modo com o qual Deus age em sua história. Porque, sem isso – que é exatamente a “justificação” de Deus – nós podemos somente viver na defensiva. De fato, de um lado, vemos essa necessidade e, de outro,

gostaríamos de ter um olhar assim sobre a realidade, o que, muitas vezes, não é imediato. Dom Giussani sempre nos comunicou o cristianismo assim. Começou o Movimento com um objetivo: mostrar a pertinência da fé com as exigências da vida, mostrar que o cristianismo respondia à necessidade. Por isso, somente se o anúncio cristão responde à necessidade hoje, o homem poderá reconhecê-lo, poderá percebê-lo como pertinente. E como isso acontece? Que caminho estamos fazendo? Que experiência fizemos? De que modo essa impostação apresentada por Francisco e Bento XVI começa a incidir?

Colocação: *Quando, nos Exercícios, você citou esse ponto que retomou agora, ou seja, que Deus precisa se mostrar à altura da situação, para mim foi muito importante, porque mudou o modo com o qual dou aulas. Sempre pensei que de algum modo eram os jovens que deveriam estar à altura da situação (quer dizer, à altura do modo como eu defino a situação). E, no fim, como eu imagino como as coisas devem ser, isso me leva, como a quase todos os meus colegas, à desilusão ou à queixa porque os alunos não se mostram à altura. Porém, quando você disse que Deus deve mostrar-se...*

Carrón: Não é que os professores não tenham o desejo de responder a isso. Mas, se a pessoa parte de uma impostação errada, qualquer tentativa vai bater contra a parede. Podemos agir assim com os alunos, com os filhos, com os colegas, com todos!

Colocação: *É verdade. E, de fato, na segunda-feira após os Exercícios entrei na sala e a pergunta que me fazia era: como o estilo suave de Deus pode ser o meu estilo ao dar aulas, de modo que eu possa estar diante dos jovens como eles são e não como eu gostaria que fossem? Foi uma situação particular. Nesse último período do ano, os alunos estão todos ansiosos porque têm provas escritas e orais...*

Carrón: Sobretudo com professores como você!

Colocação: *Evidentemente. Então, o que eu fiz? Desafiei-os dizendo: “É preciso romper esse mecanismo. É preciso romper esse mecanismo porque não é humano”. Fiz isso por achar que seria correto. Então, uma menina se aproximou e me disse: “Olha professor, as provas e as chamadas orais são coisas que devemos fazer e eu quero fazer o melhor possível. E o senhor, o que quer? Por que quer algo diferente? Eu quero fazer bem o trabalho deste mês, que é estudar”. Ela é uma menina tímida, por isso não esperava essa reação, e fiquei ali um pouco perplexo. Então, me lembrei do que Dom Giussani nos disse em Viterbo: “O que é próprio de uma presença é julgar o que existe, não criar um trabalho alternativo, porque este se torna paralelo ou reduz a própria presença” (“Viterbo, 1977”, em L. Giussani, Educar é um Risco, CI, São Paulo, 2000, p. 115). Então comecei a tentar entender o que essa aluna queria; quer dizer, ao invés de tentar convencê-la tentei aos poucos mudar minha abordagem. No diálogo com ela descobri que era eu quem deveria justificar-me e não ela estar à altura! Para que serve sugerir algo diferente se o que eles precisam é estudar? Então, aos poucos, descobri qual era a necessidade, quer dizer, descobri como ela estuda, como ela está estudando. E comecei a me comparar com seus esforços, suas dificuldades e, através dela, com as dificuldades da classe. E, ali, ficou claro para mim que o ponto não é o estudo como eu o faço, mas como eles o fazem. Eu era chamado a compartilhar as necessidades que eles têm, porque senão, coloco nas costas deles aquilo que eu gostaria que o estudo fosse. Essa mudança revelou-se mais interessante para mim, senti-me mais verdadeiro como professor, porque aos poucos entendi que havia uma liberdade, que havia uma humanidade que precisava ser compartilhada. De fato, seu sorriso e sua alegria ficaram evidentes quando me disse: “Finalmente um adulto que me trata a partir das minhas necessidades, não que me diz o que tenho que fazer”. Isso me tocou muito, porque ali entendi que o estilo suave não é uma técnica, mas a modalidade de abraçar verdadeiramente o humano. Eu tinha uma ideia correta do humano, mas tinha eliminado a pessoa.*

Carrón: “Eu tinha uma ideia correta do humano, mas tinha eliminado a pessoa”. Por quê?

Colocação: *Porque tinha a minha ideia de professor sobre o que deveria ser a minha necessidade e a deles. Não me deixava abraçar, em primeiro lugar.*

Carrón: Acho que isso nos mostra quanto ainda precisamos caminhar. Porque você descreveu: pensava que tinha percebido o problema da menina, mas tornei-a algo abstrato. A menina real,

histórica, concreta, que estava na sua frente é a que começou a dialogar com você; mudou sua postura e, então, começou a tentar entender. Sem dar-se conta, você usou as mesmas palavras de Bento XVI: “Aos poucos” – porque não é que se percebe de repente – produz-se essa inversão, sou eu que devo tentar entender o que está acontecendo nela para que a minha ação, a minha resposta possa ser sentida como pertinente à sua necessidade. Portanto, sou eu que devo me justificar, que preciso mostrar que a resposta que dou a essa menina tem presente todos os fatores: não só a ideia correta do estudo, mas a pessoa que deve estudar, o sujeito histórico que está diante de mim. Nós diríamos: se temos uma ideia correta, está tudo certo. E pensaríamos ter entendido toda a complexidade da realidade. Porém, começamos a perceber que a nossa ideia de correto é, às vezes, bastante limitada e emerge uma quantidade interminável de fatores que demonstram que o nosso olhar não é completamente correto, pelo contrário. E é possível ver isso porque eu começo a dar-me conta da fadiga, das dificuldades: começo a reconhecer alguns dados da realidade que estavam ali, mas que eu, até aquele momento, não via com suficiente clareza. Você não tinha partido da necessidade deles. E isto – como você diz – foi uma mudança, antes de mais nada, para você. Como nós precisamos aprender isso! Você se torna mais verdadeiro como professor, ou torna mais verdadeiro o juiz enquanto juiz, ou um pai em relação a seu filho, ou um colega com um colega, ou o prisioneiro com o policial que o despe, como vimos no clamoroso exemplo que vimos em Rimini [nos Exercícios da Fraternidade]. Não é que o amigo preso errou o juízo, não diz que ser tratado assim é certo: não, é errado, é desagradável. Mas como o carcereiro poderia agir de outro modo se ninguém o olhou de modo diferente? “Entendi que não é culpa deles. Que culpa a pessoa tem se não fez um encontro, se não teve alguém que a amasse gratuitamente e, conseqüentemente, lhe ensinasse a amar, como fazer sem ter algo assim para seguir?! Que culpa a pessoa tem se não tem um testemunho para seguir [...]? Eu olhei para eles com grande ternura, não porque me agradasse me despir [o juízo é claro] ou ser tratado desse modo, não. Olhei-os com ternura, porque se alguém sempre foi tratado assim, conseqüentemente trata quem encontra da mesma maneira”. É preciso escancarar o olhar e tomar consciência de todos os fatores, não apenas parar no nível do “certo ou errado”, exatamente porque este “certo ou errado” tem a ver com toda a história da estudante, com toda a história do carcereiro. Senão, será difícil conseguirmos caminhar. Porque, no fundo, o que acontece? Que, enfrentando a realidade percebemos que nós não entendemos até que ponto vai a nossa necessidade. E, não tendo entendido até que ponto vai a nossa necessidade, não somos capazes de perceber a necessidade do outro. Quando alguém começa a se dar conta e as coisas se invertem, começa a ver aquilo que antes não via. Não é que somos visionários. Não é que você, num determinado momento, tornou-se um visionário: simplesmente começou a ver aquilo que antes não via. A necessidade daquela moça estava na sua frente, mas não a via por causa de uma ideia, embora correta, que tinha.

Colocação: *Nos Exercícios, fiquei muito tocado com o modo como foi descrito o método de Deus, que se revela lentamente, aos poucos. Na minha experiência, porém, verifico que esse método suave me irrita. Gostaria que tudo se tornasse evidente de modo claro e me vejo naquelas pessoas que, diante da descrição da misericórdia de Deus, dizem que na vida real, a verdadeira, não funciona assim.*

Carrón: Essa é a nossa suspeita, suave ou nem tanto suave...

Colocação: *Apesar do impacto no coração que senti nos Exercícios, do abraço que experimentei, da ajuda verdadeira a fazer emergir toda a necessidade que carregamos, dou-me conta de que no fundo, no cotidiano, essa afirmação (de que na vida real a misericórdia não funciona) se impõe. Portanto, quando vivo a aridez no trabalho, ou quando percebo que tenho dificuldade de viver com verdade os relacionamentos, é preciso grande simplicidade para olhar no rosto, honestamente, os meus amigos e as pessoas da comunidade; ou quando acontecem fatos dolorosos dou-me conta de que, apesar dos pedidos, nesse diálogo com a Presença falta algo de novo. Foi dito: a misericórdia do Senhor nos toma na medida em que a pedimos. Porém, percebo que normalmente eu peço com um grande ceticismo de fundo. Então, pergunto: por que esse ceticismo permanece em mim e qual é o caminho para começar a eliminá-lo?*

Carrón: Desculpe, porque você acha que permanece como pano de fundo esse ceticismo?

Colocação: Talvez porque no fundo não somos realmente leais com a nossa necessidade.

Carrón: Deixemos esse ponto em aberto, porque precisamos olhá-lo de frente. Por que permanece o ceticismo? Quando Madalena está ali, chorando, é só ceticismo ou, no fundo, a dimensão do problema é superior à sua capacidade de resolvê-lo? Chamamos de ceticismo, mas, no fundo, é uma impotência: aquilo que gostaríamos não funciona, ou não conseguimos fazer funcionar segundo as nossas imagens. Sempre me lembro daquela frase de Jesus: “Sem mim nada podeis fazer”. Mas, no fundo, pensamos que Jesus exagerou um pouco, porque “nada” é demais. Por isso, quando estamos diante de situações que nos dominam de todos os lados... Mas, de onde nasce o ceticismo? Não nasce de Cristo: nasce da redução da natureza do problema, de pensar que, no fundo, está em nossas mãos (e, depois de tantas tentativas, tornamo-nos céticos em relação às nossas tentativas). Estamos perfeitamente de acordo: é claro que não somos capazes. A questão é se há alguma outra possibilidade! Por isso, nós não devemos lutar contra esse ceticismo de modo abstrato: devemos ver, olhar de frente os fatos que nos permitem desafiar esse ceticismo.

Colocação: Há cerca de um ano, no trabalho, mudei completamente de função e precisei aprender tudo. De repente, identifiquei entre os que trabalhavam comigo, uma moça que poderia me ajudar, uma que era muito eficiente e em quem confiava bastante. Antes, porém, de lhe dar alguma responsabilidade, observei-a e, este ano, por problemas pessoais, trabalhou muito mal, realmente muito mal, quase a ponto de ser despedida. Assim, precisei pedir a outra pessoa que ocupasse aquele lugar. Porém, eu fiquei realmente triste, porque gosto muito dessa moça e percebia que ela estava se perdendo. Não por causa das ações que fazia, porque somos todos pobres coitados, mas porque nessas ações se afastava de todos os laços, concebia-se sozinha. Certo dia, precisei lhe falar sobre as mudanças internas e dizer que outra pessoa havia ganhado uma promoção que poderia ter sido sua. Eu me sentia muito mal e me perguntava: como lhe digo isso? Pensei que ao lhe dizer deveria afirmar um bem para ela, depois, ela reagiria como quisesse. Então, levei-a para almoçar e perguntei: “Como foi seu trabalho este ano?”. Ela admitiu que tinha trabalhado muito mal, que sabia disso, que sua cabeça estava em outro lugar. Respondi que de fato tinha sido assim e que tinha perdido uma grande oportunidade, mas que, no fundo, o que mais me fazia sentir mal era que não levava a sério a si mesma. Disse-lhe: “O que me salvou e que me salva é ter sempre um lugar onde há um Tu que me abraça e me perdoad, e eu não quero perder esse abraço, por isso, me afasto, faço as piores coisas, mas sempre volto porque sei que existe. E apenas olhando-O e estando com Ele sei qual é a coisa certa”. Ela me disse que desejava muito algo assim, mas ainda não tinha encontrado. Era quinta-feira. No dia seguinte, foi comigo aos Exercícios dos Jovens Trabalhadores. Ela é budista, mas só de tradição, na verdade é ateia, e tem muitos problemas pessoais, de saúde, de família... em suma, muitas coisas. Não sabia aonde iríamos, apenas perguntou se deveria usar roupas leves ou pesadas, mas eu a convidei e ela foi. Pedi a uma amiga que ficasse perto dela, e ficamos juntas. Durante todos os Exercícios ficou de braços cruzados, não fez nenhum comentário. Porém, de noite, eu a ouvi cantando no banho. Depois, voltamos para casa. Na segunda-feira, trabalhamos juntas o dia inteiro e ela não disse nada. Saí do trabalho e, logo depois, chegou uma mensagem dela perguntando se eu podia lhe passar as anotações porque queria reler algumas coisas. Porém, uma coisa me impressionou mais que todas: na volta, começou a trabalhar muito bem, como não fazia há um ano. Uma colega nossa, muçulmana, me disse: “No ano que vem também posso ir com você? Porque tem uma expressão no rosto...”. Depois me disse: “Ah, não, os Exercícios são católicos, nós vamos às termas!”. Porém, notou uma expressão diferente. É mesmo um rosto mudado o que move as coisas.

Carrón: É um rosto mudado, isto é, um fato, o que pode responder ao ceticismo, não a minha tentativa. É o reconhecimento de algo. Porque essa pessoa tinha trabalhado muito mal, e todas as tentativas não foram suficientes. Porém, num determinado momento, acontece algo, intervém uma presença diferente da própria tentativa e essa pessoa se reanima. Funciona assim na realidade, sim ou não? Ou apenas na nossa imaginação? Não podemos continuar repetindo certas coisas sem mentir, porque todas as vezes que nos encontramos ouvimos fatos assim; fatos que superam qualquer medida nossa. Então, quando nos vemos diante de algo que supera a nossa medida, a questão não é “já que supera a nossa medida é impossível e eu me torno cético”. A questão é se nós

voltamos àqueles fatos que desafiam e vencem o nosso ceticismo! Por isso, para responder ao nosso ceticismo não bastam teorias, não bastam explicações, não bastam outros tipos de raciocínio. Somente os fatos podem colocá-lo à prova. Que alguém, diante do ceticismo, possa dizer, como o cego de nascença: “Olhem, todo o ceticismo de vocês não tem a ver comigo, porque antes eu não via, agora, vejo”. Não há outra modalidade de afetar até os nossos pensamentos céticos. A única coisa que pode realmente desafiá-los são os fatos. Por isso, se a pessoa não se deixa abalar pelos fatos, não abre os olhos para outra possibilidade para os fatos que acontecem na realidade – não na nossa fantasia, *na realidade* – quando percebe que tem esse ímpeto cético, fica bloqueada. Não é que isso, por si mesmo, já resolva a questão. Os fatos abrem uma brecha no nosso muro de ceticismo. Todo o resto ainda está por fazer, porque é somente quando me abro para essa possibilidade que posso ver, que posso começar a ver que é possível uma outra coisa.

Colocação: *Conto uma experiência que vivi na última semana e que me fez entrar naquilo que você disse na sexta-feira à noite. Tenho uma colega que é uma pessoa muito boa e generosa, porém, não tolera a presença dos refugiados e, assim como outras pessoas da sua família, frequentemente diz que fuzilaria todos eles, que não devem entrar no país, que seria preciso fazer barreiras, etc. Isso é agravado pelo fato de seu marido estar de aviso prévio, em uma situação difícil. Não é que no trabalho podemos conversar muito, mas tantas vezes tentei lhe dizer: “Isso é um fato, precisamos encará-lo cada vez mais”, ou: “Poderia ser uma ajuda para nós também”, obviamente sem tentar fazê-la mudar de ideia. Até que um parente que mora com eles foi internado por causa de uma repentina e grave doença no pulmão. E, no leito ao lado, estava um refugiado paquistanês que tinha acabado de chegar à Itália com uma saúde muito precária.*

Carrón: O Mistério nos acerta em cheio!

Colocação: *Depois da irritação inicial, começa um relacionamento entre eles. Certo dia, o paquistanês, que realmente não está nada bem, levanta-se quando o oxigênio deste senhor se solta, e o reconecta. Aos poucos vão acontecendo coisas desse tipo, pequenos gestos de humanidade. E este homem, que tinha um preconceito, um ódio enorme, pede aos seus familiares que peguem todas as suas roupas velhas, os velhos objetos que não usa mais e que os doe ao paquistanês. Minha colega veio até mim e me disse, compadecida: “Ele tem uma história dramática, deixou mulher e filhos... é uma história duríssima”. Em suma, toda a família se afeiçãoou a ele a ponto de ir se despedir quando foi transferido de ala. Você citou Giussani na sexta-feira à noite: “A Igreja, enfim, não blefa, insiste Dom Giussani, porque ‘tudo o que diz e faz está totalmente à disposição da verificação de quem quer que seja. A sua fórmula é: prove você, prove você! Abandona totalmente a sua proposta ao conteúdo da experiência: é você quem julga’. E acrescenta: ‘Mais aberta que isso, morre-se! [...] A Igreja não blefa, no sentido de que não impõe nada que você, se não estiver persuadido, seja obrigado a entender a todo custo”. E, então, eu, em relação a esses pequenos fatos que acontecem na realidade, sou grato por aprender com esses pobres coitados o método: estar disponíveis. Disponíveis a como Deus, o Mistério (que permanece um mistério), provoca a minha liberdade, amou e ama a minha liberdade diante de tudo.*

Carrón: É impressionante. Diante de uma pessoa com essa postura (que pode ser a nossa) em relação a um estranho, um refugiado paquistanês pode ser usado pelo Mistério com esse método suave exatamente para mudar essa postura. Que imaginação o Mistério tem usando a coisa mais pertinente, aparentemente contrária, àquilo que nós desejamos... “Você não gosta? Não está disponível a abraçar alguém diferente de você? Então, eu o coloco ao seu lado. Eu o coloco ao seu lado para alargar a sua razão, para alargar o seu olhar, para alargar o seu coração, para lhe mostrar que ele é mais do que aquilo a que você o reduz”. É impressionante, porque assim podemos verdadeiramente entender como o método de Deus é absolutamente pertinente, tanto que nos escancara: “Diga-me se essa afeição lhe corresponde mais ou menos do que a medida que você tinha antes”. Nenhum tipo de discurso poderia ter abalado uma convicção tão arraigada. Foi um fato, uma presença que se revelou com toda a sua complexidade, que mudou toda a postura. Somente se estamos disponíveis a isso é que tudo é possível para Deus: inclusive vencer, uma vez após outra, o nosso ceticismo.

Colocação: *Tenho uma pergunta. Parece-me que frequentemente confundimos nosso coração – com todas as suas exigências tão profundas e verdadeiras – com nosso amor-próprio e nossos interesses. Qual a diferença entre o coração e o amor-próprio, ou entre o coração e os próprios interesses?*

Carrón: Obrigado. Essa pergunta é fundamental para todos, porque é verdade que muitas vezes nós confundimos o coração com amor-próprio. Mas qual é a diferença? Se lermos com atenção aquilo que o Papa diz, começaremos a entender: “Na raiz do esquecimento da misericórdia está sempre o *amor-próprio*. No mundo, ele [o amor próprio] assume a forma da busca exclusiva dos próprios interesses, de prazeres e honras unidos ao desejo de acumular riquezas, enquanto na vida dos cristãos se disfarça muitas vezes de hipocrisia e mundanidade. Tudo isso é contrário à misericórdia” (*Audiência Geral*, 9 de dezembro de 2015). Qual é a diferença entre o coração e o amor-próprio? O coração, por sua natureza, é exigência de totalidade; o amor-próprio é uma redução dessa exigência porque, no fundo, nos contentamos com as migalhas dos nossos interesses ou da nossa mundanidade; nada comparável com a exigência do coração e, portanto, incapaz de preenchê-lo. Prevalece o desejo – como diz o Papa – de acumular ou preencher o vazio com coisas que no fundo, por sua natureza, não são capazes de nos corresponder completamente. Nossos amigos de Uganda me contavam que foi encontrá-los um amigo que trabalha em uma companhia aérea e que tinha encontrado o Movimento algum tempo atrás, frequentou-o por algum tempo e depois se afastou. Por acaso, alguém lhe deu de presente um DVD de *A estrada bela*, assim, pôde rever os rostos daqueles que havia encontrado e tinham tornado o Movimento fascinante para ele. Então, como trabalhava em uma companhia aérea, teve a ideia de tentar ser escalado para um voo que o permitisse encontrar-se com os amigos que viu naquele vídeo. Depois de diversas tentativas, consegue. Voa para Uganda e fica hospedado em um *resort* belíssimo. Gosta tanto do lugar que se esquece do motivo pelo qual tinha ido para Uganda! Reduziu o desejo àquilo. E isso se vê pelo fato de que assim que decola de volta, sente uma tristeza por ter perdido a ocasião que tinha criado para si. O coração não faz concessões. A pessoa pode censurá-lo por qualquer outro interesse, mas não é o bastante. Depois, por acaso, encontra no avião alguns dos nossos que voltavam de Uganda. Diz: “Normalmente não falo com italianos porque sempre me enrolam. Mas desta vez, não sei por que, senti o contragolpe do olhar de vocês”. No fim, depois de várias perguntas às quais os italianos respondiam de maneira evasiva, porque não queriam interromper a conversa que estavam tendo, o rapaz diz: “Vocês são de CL!”. “Sim. Como você sabe?”. Então, lhes conta a história. Ficou impressionado como o Mistério pôde salvá-lo a quarenta mil pés de altitude. Ouvindo contar essas coisas, entendemos qual é a diferença entre interesse verdadeiro, de que fala o Papa, e mundanidade (para usar a outra palavra que ele usa). Passar um fim de semana em um *resort* é muito bom, mas isso não corresponde a toda a espera do seu coração; tanto é verdade que depois ficou desiludido, e se reanimou quando foi tocado por aqueles rostos, a ponto de reconhecer que faziam parte de CL. Nós achamos que podemos enganar o coração. Não! Nem nós podemos enganar, nem qualquer tentativa de resposta que não corresponda à exigência do coração pode bastar. Muitas vezes nós confundimos aquilo que nos agrada com a correspondência. Mas o que nos agrada é julgado pela experiência ou não de correspondência. Se a pessoa, depois de ter passado o fim de semana em um *resort*, assim que vai embora sente uma tristeza, o juízo está feito. Pode tentar escondê-lo, pode tentar evitá-lo ou pode tentar reconhecê-lo, mas a diferença é clara. Por isso, é crucial que comecemos a perceber a diferença, porque mesmo se pudéssemos virar a página não encontraríamos uma resposta verdadeiramente correspondente às exigências do coração.

Colocação: *Em relação a isso, me ajudou muito o terceiro ponto, em particular quando nos coloca a provocação: quando vocês “pensaram n’Ele seriamente, com o coração, no último mês?”. E, quando você fez essa pergunta, logo pensei: sempre! Eu penso n’Ele sempre. Quando acordo, meu primeiro desejo é: esteja comigo. Porém, depois você continuou: “‘Não pensamos nunca n’Ele como João e André pensavam enquanto o ouviam falar. Se fizemos perguntas sobre Ele foi por curiosidade, análise, exigência de análise, de busca, de esclarecimento [...]. Mas que tenhamos pensado nele como alguém realmente apaixonado pensa na pessoa pela qual se apaixonou [...], puramente, de modo absolutamente, totalmente distanciado, como puro desejo de bem’. Como é*

raro que pensemos n'Ele como uma Presença presente, amada". Eu achava que conhecia a postura do coração de espera d'Ele, mas nestes dias descobri que mesmo a experiência que tive do relacionamento com Jesus não pode ser algo que sei. Todos os dias se recoloca exatamente a mesma pergunta: a quem você responde, de quem você é? Digo isso porque nos últimos dias precisei tomar uma decisão em relação ao trabalho, precisava decidir se ficava no lugar em que estou, onde estou bem, ou se olhava o desejo que explodiu no meu coração nos últimos meses, e que continua. Então, ao enfrentar essa decisão, pedia: faz-me entender onde me queres, eu quero estar onde Tu me queres. Mas eu fazia esse pedido como exigência de definitividade e de clareza, não como alguém faz um pedido à pessoa que ama. O que aconteceu foi que, aos poucos, vi como o Senhor me acompanhava e fazia acontecer coisas que me ajudavam a ver que o problema não era simplesmente escolher entre branco ou preto, mas seguir o caminho no qual Ele me colocava, no qual me coloca. E, então, percebi que o problema é exatamente abandonar-se ao Seu abraço, tanto que no momento em que fiz isso, relaxei. Foi uma libertação! Essa sensação foi uma novidade porque normalmente fico paralisada pelo medo, sobretudo diante de escolhas importantes, como se houvesse uma desconfiança de fundo. E descobri também uma resistência ao Seu amor. Porém, com esse conhecimento, dei-me conta de que é possível que esses pontos de libertação que começo a perceber se expandam para todos os aspectos da vida. E que Cristo coloca na minha vida essas perguntas, essas confusões, para me fazer descobrir que não basta pensar n'Ele, mas é preciso realmente que eu O ame. E eu, ao amá-Lo, compreendo que O conheço; a possibilidade de conhecer Jesus está exatamente no fato de amá-Lo, não pensar n'Ele e pronto.

Carrón: Diante do amor-próprio, ao reduzir a nossa espera aos nossos interesses, existe a possibilidade, como resumia Dom Giussani, de buscá-Lo dia e noite como a única coisa que corresponde a toda a exigência do coração. Mas isso só é possível se nós cedemos àquela Presença, como Maria Madalena, se cedemos diante de Cristo que se curva sobre nossas chagas, sobre as nossas feridas para responder a toda a nossa espera. Porque, sem nos abandonarmos a uma Presença assim, e sem ver como Ele é capaz que nos realizar, sucumbiremos buscando nossos interesses reduzidos. Essa é a questão que permanece aberta na vida: o que nos corresponde? Porque esse é o modo com o qual Deus se justifica diante de nós: "Olhe o que lhe corresponde: o *resort*, os interesses, seus projetos, ou abandonar-se à Minha presença?". Mas ninguém poderá nos convencer disso, somente a experiência que fazemos. Por isso, como dizíamos nos Exercícios citando Dom Giussani, Deus entrega essa proposta à verificação da nossa experiência, porque somente na experiência poderá vir à tona a Sua justificação, quer dizer, a Sua pertinência às exigências do nosso coração. É esta possibilidade que temos sempre diante de nós, durante os dias todos: não apenas passá-los de modo mais ou menos brilhante, mas poder ver que tudo o que se coloca diante de nós nos dá a possibilidade de descobri-Lo e de verificar se essa proposta corresponde ou não. Porque é assim que crescerá em nós a certeza ao invés do ceticismo. A bola, como sempre, está em jogo, porque a proposta que Cristo está fazendo diante dos nossos olhos é dirigida à nossa liberdade.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade acontecerá no dia 22 de junho, às 21h00. Continuaremos o trabalho sobre a Introdução dos Exercícios. Ainda há muito para entender.

Férias. Recomendo que participem das férias comunitárias. São o lugar privilegiado para descobrir e viver aquilo que é mais importante para nós, "Aquele que está entre nós". Como dissemos muitas vezes: menos explicações e mais "imersões" em um lugar onde se pode fazer experiência. Vamos viver as férias com uma atenção ao outro, e vamos construí-la juntos testemunhando-nos uma participação viva em todos os momentos propostos: o *Angelus*, as Laudes, os passeios, o momento de testemunho, a apresentação de um livro, os espetáculos, uma conversa sobre algo que interessa, os jogos, a missa... Que tudo se torne um lugar construído para "nos imergir na misericórdia", como diz o Papa: não apenas para *falar de* misericórdia, mas para *fazer experiência dela*. Como vimos hoje, a participação nos Exercícios mudou – e muda – as pessoas mais impensáveis: vemos isso em nós. Portanto, compartilhemos a riqueza de um gesto assim, convidando também amigos e colegas.

Panfleto de CL pelas eleições administrativas na Itália. Diante da indiferença total que se registra também em relação à política, com esse panfleto – que tem por título “A política é um bem” – queremos oferecer um instrumento de diálogo que ajude a estar diante da pergunta: por que vale a pena votar? Para nós, é outra ocasião para verificar se o cristianismo tem algo a dizer também a esta situação específica. Porque, se não vence o olhar do qual falávamos antes, o que prevalece é o ceticismo, também na política. Por isso, vamos utilizar o panfleto para que, através dele, possamos oferecer uma boa contribuição para a vida pública como comunidade cristã: por causa de um juízo e pelo modo diferente com o qual nos colocamos. Bom trabalho!

Veni Sancte Spiritus